

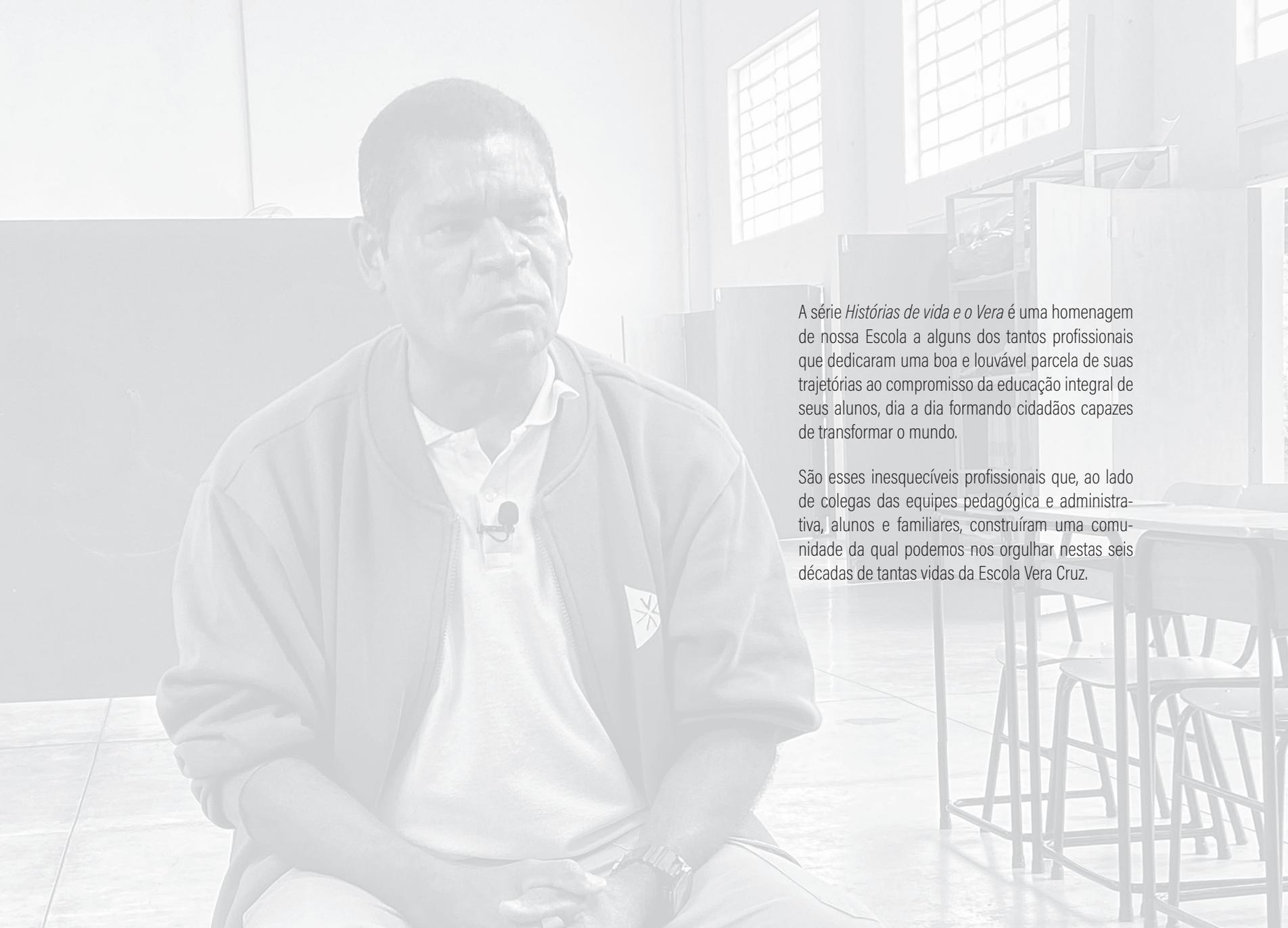
## Histórias de vida e o Vera

# Exemplo de vida



**Leonardo Ferreira dos Santos (Leo)**

Auxiliar de manutenção e serviços gerais



A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

## **Escola Vera Cruz**

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

## **Histórias de Vida e o Vera**

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

**Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)**

Projeto gráfico: **Kiki Millan (Casa Vera Cruz)**

Revisão: **Iara Arakaki (Casa Vera Cruz)**

Pesquisa de imagens/Acervo Vera Cruz:

**Alexandre Leite (Biblioteca Geral)**

Apoio: **Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz)**

e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

**Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)**

Transcritoras: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Luciana Gomes de Oliveira, Marcela Boni e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo: **André Nascimento e Luís Guilherme Lima**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Leo começou a trabalhar no Vera em 1988.

Ele se despede da Escola em 2023.

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Unidade Vila Ipojuca da Escola Vera Cruz, em abril e maio de 2023.

## São Paulo recebe Leonardo

Nasci no estado do Piauí em Marcos Parente, uma pequena cidade no sudoeste do estado. Cheguei aqui em 1984, tinha 21 anos, através de um irmão que já é falecido. Ele me convidou, e eu vim pela primeira vez. Foi um processo de curiosidade. Eu não tinha nenhuma experiência em cidade grande. Então, ele me convidou, e eu aceitei, pedi permissão para meus pais — eu era sempre uma pessoa muito obediente a meus pais —, aí, eles deixaram, e eu viajei para cá.

Minha cidade tinha três mil habitantes, hoje ela tem cinco mil habitantes; continua muito pequena, mas muito gostosa. Aqui, fui trabalhar em um supermercado. Fiquei aproximadamente dois anos, depois saí, porque eu ganhava muito pouco e fui trabalhar numa metalúrgica, onde eu tinha um bom salário. Só que eu não tinha um conhecimento do procedimento das metalúrgicas, e ela acabou me dando umas férias bem antes de completar um ano. Eu tinha programado viajar nas minhas primeiras férias para eu rever meu povo, meus pais, meus irmãos, amigos, enfim. Por coincidência, recebi essas férias coletivas, acabei não viajando porque estava bem próximo de quando eu tinha saído do outro emprego. Enfim, não dava para eu viajar e, aí, acabei pedindo para sair da empresa depois que eu

retornei das férias. Saí e viajei para minha terra para rever meu povo, meus familiares. Depois de três meses, retornei para São Paulo. Foi quando comecei a trabalhar na Escola. No início, foi mais para ver se eu conseguia voltar a estudar. Eu achava que, começando a trabalhar numa escola, seria mais fácil voltar a estudar, mas não foi o que aconteceu. Só que eu sempre tive muita facilidade para trabalhar com criança. Eu venho de uma família muito grande.

Meus pais tiveram nove filhos, 29 netos e 33 bisnetos, até meu pai falecer, em 2015. Então, era uma família gigantesca, sem falar nos primos, que são muitos, muitos mesmo. Isso fez com que para mim fosse muito fácil estar envolvido nesse meio, lidar com criança, com muito público, estar no meio dessas pessoas, constituir uma amizade, uma vivência saudável. Eu sempre tive facilidade para ter esse tipo de convívio com as pessoas. E fui cada vez mais me apaixonando por isso, cada vez mais eu me empolgava com esse trabalho. Era um ensinamento para mim, e eu também estava contribuindo para que essas crianças também pudessem receber, da minha parte, um funcionário que tinha dedicação, que tinha vontade de ensinar dentro do que eu podia oferecer a elas, aquela convivência, aquele apoio.

## O que importa: ser verdadeiro

Comecei na função de vigia, sempre no Verinha, mas foi um período apenas de quatro anos. Depois, passei para a função que tenho hoje, que é auxiliar de serviços gerais e manutenção. Estou até hoje fazendo isso. Mas sempre fui o porteiro, sempre estou ajudando na limpeza, na manutenção dos pátios, de uma certa forma. Fui plantonista por 32 anos dessas crianças, era eu que entregava elas. Até hoje, recebo as crianças durante o dia, aquelas que são entregues pela frente da Escola, tipo um corredor. Então, tem os funcionários que recebem, e eu sou um deles. De uma certa forma, estou sempre no dia a dia, convivendo bem próximo deles [alunos]. E antes da pandemia eu era o plantonista. No final do dia, eu estava com eles, era eu que entregava eles para cada um dos pais.

Continuo fazendo isso na portaria, mas aí já não sou mais um plantonista, são outras pessoas. Para mim, sempre foi isso, estar próximo das crianças, oferecer a elas um apoio, porque tem aquelas que são mais fáceis, aquelas que são mais difíceis, tem umas que são mais confiantes, tem outras que não. Isso faz parte do ser humano.

São crianças pequenas. No início, não havia Alvilândia, então, as crianças começavam no Verinha com três anos, chamava-se Maternal. Elas iam até a 1ª série, hoje 2º ano. Eram cinco anos no Verinha: Maternal, Jardim 1, Jardim 2, Pré e 1ª série. Hoje são três séries: G5, 1º e 2º ano. A partir do momento que eles implantaram a Alvilândia, para os pequenos, houve esse processo de mudança. Não foi muita mudança, no sentido de que, quando eles chegavam aos três anos, no Maternal, eles estavam naquele processo de aprender algumas coisas, principalmente, de ir ao banheiro, brincar com o amiguinho que estava em volta; ainda era um processo de iniciação. Já no G5, não, eles já estão no começo da alfabetização, já é um processo mais avançado. E, aí, tem aquela iniciação da alfabetização para chegar no 2º ano apto para ir para o 3º, no Verão.

Todos nós, funcionários, estamos lá para fazer nosso trabalho e ter esse cuidado com as crianças, dando total apoio a elas no que for necessário. Ajudando, recebendo o que os pais estão entregando, levando até a classe, buscando quando o pai vai buscar mais cedo. É um processo bem movimentado no dia a dia, porque quase sempre tem essa necessidade.

As crianças prestam muita atenção e, às vezes, fazem até perguntas: "Ah, o que você faz, Leo?". Não só a mim, mas aos outros

também, que prestam o mesmo tipo de serviço. As crianças nessa faixa etária são muito curiosas, costumam perguntar muitas coisas no dia a dia. E uma das coisas que sempre faço é ser verdadeiro. Ser verdadeiro é uma das partes mais importantes que você tem quando oferece um trabalho. Quando você oferece um serviço, se propõe a fazer algo, seja sempre verdadeiro com aquilo que você faz, porque, aí, você está oferecendo confiança. Quem está observando, está vendo que você é uma pessoa verdadeira, que é uma pessoa de confiança, e é o que eu faço durante todos esses anos que estou na Escola.

Ensino a elas como ter cuidado com as plantas, com algumas coisas que não podem ser danificadas. Por exemplo, chego em algum lugar, tem uma criança que está chutando uma porta, digamos assim. Aí, eu chego e já falo: "Olha, não pode fazer isso, você vai danificar a porta, a fechadura, não faça isso". Aí, ela ouve com atenção e acaba não fazendo mais. Então, esses pequenos ensinamentos são positivos, são proveitosos, porque a criança vai observar que não é para fazer aquilo, que aquilo não está certo, não é para ser feito, porque ela está danificando uma coisa que é útil para a Escola, para a gente, para o dia a dia.

Assim como não é para quebrar um galho, não é para machucar uma planta, porque tem plantas grandes e tem plantas

pequenas. Então, essas observações são feitas por nós, adultos, orientando as crianças a não danificar.

## Uma família formada

Eu estava há uns cinco anos no Vera quando me casei. Minha esposa é da minha cidade, mas ela não morava aqui. Ela morava lá. Então, eu me casei, retornei sozinho; depois de uns meses a minha esposa veio, porque ela era funcionária pública, precisava se desvincular desse trabalho. Tanto que, no início, ela veio com licença sem vencimento, por dois anos. Após esse prazo, ela tinha que optar por desistir definitivamente ou retornar para o trabalho dela. Cheguei a falar com a dona Yolanda [Vidigal Meyer], uma das fundadoras, que eu precisava sair da Escola, porque eu gostaria de retornar com ela para ela não perder o trabalho, porque era um emprego concursado. Eu não gostaria que ela perdesse. E o meu, não, o meu era um emprego que para mim era mais simples, eu poderia arrumar outro em qualquer lugar. Mas, aí, ela fez a opção de ficar também. Eu disse: "O que você achar que deve fazer, você faz. Na minha opinião, você deveria retornar, mas já que você não quer, tudo bem, aceito sua condição". E assim a gente ficou.

Depois de uns três anos, nasceu meu filho, Danilo. Aliás, ele fez 30 anos ontem. Danilo ficou com a mãe, sem ir para a escola, até os três anos, mas isso foi uma decisão nossa, minha e de minha esposa. Disse: "Não quero o meu filho pequenininho na escola, eu quero que ele se fortaleça mais, em casa, com a mãe". Depois de três anos, a gente colocou ele numa escolinha bem próxima de casa. Ele ficou um ano e pouquinho, e, aí, foi o momento em que eu pedi a bolsa à Escola, para colocar meu filho onde seria o G5 hoje. Então, ele começou no G5 de hoje e deu continuidade até os 17 anos, quando terminou o Ensino Médio.

Ele sempre foi muito bom aluno, nunca teve nenhuma dificuldade para nada. Recebeu uma orientação de minha parte, porque eu sou muito exigente e a mãe dele também. Nosso filho, apesar de ter estudado numa ótima escola, tinha orientações diferenciadas, porque a gente foi criando com princípios muito rígidos. A forma de conduzir nossas vidas, uma família muito grande... Como esses pais vão criar nove filhos? Oito homens e só uma mulher? Nossos pais criaram a gente com bastante rigidez, no sentido de seguir aquilo que era correto para ser seguido. Não era essa educação de hoje. Não sou contra a liberdade, mas acho que essa liberdade é um pouco exagerada. Acredito muito na disciplina. Eu acho que o aprendizado só é

mais saboroso quando você tem disciplina; quando você relaxa demais, esse aprendizado não flui.

Nós criamos nosso filho dentro desse conceito; ele recebia todas as instruções pedagógicas da Escola, mas a orientação de como seguir a vida era oferecida por mim e pela mãe dele. Dan seguiu seu caminho, estudando, dedicado, com muita facilidade no aprendizado. Eu vou só citar um exemplo de quando ele terminou a 8ª série no Verão: das 18 notas do ano, dos três boletins que se recebe no Ensino Fundamental no Verão, ele tinha 15 "A" e 3 "B". Sempre foi esse tipo de aluno. Lia 50 livros por ano, todo ano. Ele pegava toda semana um livro, pegava um na sexta-feira e entregava na quinta seguinte, então pegava outro na sexta.

A gente tinha esse cuidado de orientar primeiro com as obrigações da escola, depois a brincadeira. Então, Dan nunca foi de brincar antes dos compromissos com a escola, o compromisso que ele tinha era com os estudos. Depois dos estudos, aí ele podia brincar, ligar uma TV, ver um desenho que ele gostava ou brincar com algum brinquedo que ele tinha, mas a prioridade era fazer as tarefas da escola. Então, nunca me deu nenhum tipo de trabalho relacionado a isso.

Quando ele terminou a 8ª série, para fazer o Ensino Médio lá na Unidade da Baumann, ele trouxe a lista: "Pai, eu preciso desses 23 livros para o Ensino Médio". Eu disse: "Tudo bem, filho". Tinha uma livraria lá na Praça do Verão. Fui lá e peguei os 23 livros. "Tá aqui, tudo na sua mão", porque eu não gostava muito de ficar pedindo coisas emprestadas — às vezes dava certo, às vezes não dava certo. Então, eu achei melhor comprar e entregar para ele.

Eu tinha me preparado para isso. Eu me preparei inclusive antes dele entrar na Escola, porque eu acho superimportante você oferecer uma garantia de que seu filho pode desenvolver um trabalho na escola de uma forma bem positiva. E você tendo o material em mãos, fica muito mais fácil fazer isso. Isso é acreditar. Acreditar que é possível. Eu tenho total respeito por todos que são envolvidos na educação do Vera Cruz. Principalmente, por ser uma escola que oferece todas as oportunidades a quem está lá dentro para aprender. Só não aprende aquele que não quiser, mas quem quiser aprender de verdade no Vera Cruz, aprende, porque ela dá todas essas condições. Com os profissionais, com o material didático, enfim, com a orientação que recebe de cada um dentro de suas funções. É o professor, é o orientador, é o porteiro, é o servente que limpa o banheiro e

a sala de aula, é a coordenadora, enfim, todas as pessoas que estão envolvidas no projeto. É nisso que eu realmente acredito.

## O futuro agora

Danilo terminou o Ensino Médio aos 17 anos, em 2010. Em seguida, ele fez o vestibular e passou em relações internacionais na PUC. Recebeu 100% de bolsa na PUC porque ele tinha notas muito altas. Ele podia até escolher medicina se ele quisesse, mas ele nunca gostou muito dessa área. Terminou em 2014. Em seguida, arrumou um trabalho no consulado inglês, passou oito anos, dois anos de estágio e seis anos como funcionário. Agora, em 2021, aceitou uma proposta de outro consulado, financeiramente uma proposta melhor. Atualmente, ele trabalha no consulado dinamarquês.

Ele conhece uns 50 países ou mais. Não só a Dinamarca, mas esses da Europa, quase todos. E um pouco desses do Oriente: Japão, Coreia, Catar, Dubai, todos esses aí, até mesmo a Austrália, Nova Zelândia, todos esses países, porque, no trabalho, ele está sempre viajando.

É um filho maravilhoso, não só porque é meu filho, mas porque é uma pessoa maravilhosa mesmo. Por isso, eu agradeço

muito à Escola por ter tido essa oportunidade. Eu sou o único servente da Escola que colocou o filho no Vera, nenhum outro teve essa coragem. Quando eu pedi a bolsa a Angela [Fontana, coordenadora], muitos me perguntaram: “Mas você tem essa coragem?”; “Sim. Por que não? Eu quero sempre o melhor pra meu filho”.

Precisa de coragem exatamente porque eu estava colocando um menino pobre no meio de uma elite. Essa é a diferença, essa é a coragem. Não tinha o projeto que existe hoje.

Eu falava com o meu filho de uma forma adulta. Explicava a ele em detalhes o porquê de eu ter colocado ele na Escola, e o que eu gostaria que acontecesse na vida dele. Então, essas explicações, esse jeito de lidar com ele, no dia a dia, explicando isso, foi encaixando na sua cabecinha, que ele precisava ser um bom aluno acima de tudo, ter uma referência inclusive em relação aos outros, porque ele é referência para seus colegas de escola.

A maioria dos colegas do meu filho é da Escola, não é da faculdade. E todos adoram ele, ele sempre foi uma referência. Além do que ele recebia como orientação da minha parte e da mãe, talvez isso tenha sido um fator para que ele se esforçasse

ainda mais para ter essa condição, receber essa forma de conhecimento, e se empenhar de maneira mais dedicada, para aprender mais, para ser uma referência para parte do grupo, dos amigos, das amigas que estavam em volta.

Enfim, ele sabia que as coisas não eram muito fáceis para mim e a mãe dele, porque nós vivíamos com um salário limitado, morávamos numa casinha de fundo. Não tínhamos mansões ou apartamento de luxo, nem carro, nem casa de praia ou férias na Disney, nada disso. O que eu queria para ele era que obtivesse um conhecimento para que pudesse, na vida adulta, adquirir as coisas com mais facilidade.

Esse era o fundamento do meu filho estar na escola. Era o que eu gostaria que ele tivesse: um aprendizado que oferecesse condições dele batalhar por um trabalho e conseguir, porque a vida é uma competição, as pessoas são competidoras o tempo todo. Quando você se candidata para um emprego, principalmente um emprego de mais importância, você não chega lá sozinho como único candidato, tem vários candidatos. Em todos esses empregos, esses dois trabalhos que o meu filho teve até agora, ele sempre competiu com muitos candidatos. No primeiro, mesmo para ser um auxiliar do consulado inglês, ele concorreu com mais de 40 pessoas. Ele chegou a ser segundo

gerente, sempre concorrendo, porque eles não promovem ninguém. Nesse último trabalho, ele começou concorrendo com 38 pessoas; quando chegou nos três últimos, uma das concorrentes era uma ex-chefe dele do consulado inglês. Ela era uma pessoa altamente experiente, mas a vaga ficou para ele. Então, ele é uma pessoa que tem essa dedicação, que procura se aprimorar o tempo todo. Ele fala muito bem o inglês e ele tem um pouco de espanhol e de francês. Ele entende. Não é muito fluente, mas entende bem.

## Uma questão de pele, mas não só

Quando eu falei da época do meu filho, não havia esse projeto, não se falava em racismo, não se falava nesse assunto. Quando aparecia uma criança negra na Escola, era adotada por alguma família branca e rica. Então, a gente quase nunca via um negro na Escola. Como a minha esposa é branca, meu filho não tem pele escura que nem a minha. Em qualquer lugar, ninguém vai achar que ele é filho de um negro, assim, pela cor dele, mas eu não tenho essa preocupação. A minha maior preocupação sempre foi relacionada à condição social. As pessoas são muito vistas de acordo com a condição financeira que têm. Eu sentia um pouco esse lado financeiro.

Quando as outras crianças, que gostavam muito de mim, queriam ir à minha casa, eu nunca me opus a isso. “Dan, eu quero ir pra sua casa”, ótimo. Combinava com as mães e tal. Iam. Os meninos iam, as meninas também. Era aí que eu percebia que algumas delas, não todas, mudavam o comportamento comigo; não as crianças, os adultos, as mães. Porque elas descobriam onde eu morava, numa casinha humilde, simplesinha, num fundo de quintal, mesmo sendo em Alto de Pinheiros, um bairro de rico. Moro bem pertinho da Escola. Eu vou para a Escola e almoço em casa todos os dias. Isso facilitou muito a minha vida e a do meu filho também. Então, eu percebia mais esse lado, não era nem a questão da minha cor ou do meu filho, era mais a questão financeira. Mas eu também não dava importância a isso, porque sou uma pessoa muito equilibrada. Para eu desmoronar, vai ter que acontecer uma coisa muito grave, porque eu não sou esse tipo de pessoa, sou uma pessoa muito equilibrada em tudo que faço, em como direciono minha vida. Sou uma pessoa que organiza tudo de uma forma equilibrada, para nunca faltar o que eu preciso.

Então, essa confiança que tenho em mim mesmo eu ofereci ao meu filho também, para que ele se tornasse um homem equilibrado, firme, capaz de resolver as coisas sem ter um queixume.

Vamos fazer as coisas de uma forma mais positiva, acreditar que é possível, que a gente vai conseguir chegar em algum lugar para que nossa vida, no futuro seja melhor.

É necessário que os pais estejam próximos dos filhos, porque só assim eles vão confiar mais nos pais, vão acreditar mais no que os pais falam e fazem para terem uma vida digna. E o bom da Escola Vera Cruz é que é a única diferenciada entre as escolas. Ela consegue oferecer um padrão de ensino para que seus alunos façam parte da sociedade como grandes cidadãos e cidadãs. Essa é uma diferença na Escola Vera Cruz; ela não é uma escola seletiva, ela é inclusiva. Todos se abraçam, todos se apoiam, todos querem o melhor para seus filhos, mesmo aquelas famílias que não são tão ricas, mas são sempre muito bem acolhidas. Tenho muito orgulho de fazer parte da Escola Vera Cruz exatamente por ser assim. Mesmo eu sendo um servente, sendo negro, sou uma pessoa muito querida na Escola por praticamente todos os pais e mães, não só pelas crianças, porque eu tenho respeito total por todos e todos me respeitam muito. Não tem nada melhor do que isso: você ser uma pessoa querida, respeitada. Isso é muito importante e é o que eu almejo para todos — pobres, ricos, brancos, negros, não importa.

## A bolsa e a vida

É aí onde entra o projeto que foi implantado há dois anos na Escola, sobre dar oportunidade a essas crianças, a essas famílias negras e pobres, porque elas são as duas coisas, não é só uma coisa, não é só a outra. Porque você ser negro adotado é uma coisa. Se você for negro, filho de um jogador de futebol que tem fortunas, é diferente de uma pessoa que mora na periferia, que não tem carro, que anda no transporte público, que mora numa casinha humilde ou, às vezes, até num barraquinho. Quantas famílias no Brasil vivem nessa situação? São milhões delas nessa condição. Então, quando a Escola abriu esse projeto para oferecer a essas famílias que seus filhos possam estudar numa escola de ótima qualidade, como o Vera Cruz, foi a coisa mais fantástica, a mais maravilhosa que aconteceu nos meus 30 e poucos anos de Escola, porque está dando a oportunidade que meu filho teve. Dá oportunidade dessas crianças, no futuro, serem alguém bem diferente do que elas poderiam ser se não tivessem essa oportunidade. Quando você oferece a essas crianças pobres e negras a oportunidade de terem uma boa educação, oferece a elas uma vida diferente do que elas poderão ter no futuro. Os caminhos que elas, hoje, estão seguindo é para o amanhã delas ser diferente do da maioria dos brasileiros, que são, hoje, pobres e negros.

## Um momento especial

A despedida do 2º ano, no final do ano. É um momento muito emocionante. Fico muito emocionado com aquele momento. É a despedida do 2º ano para o 3º ano, no Verão. Todo ano tem essa programação, desde quando eu cheguei na Escola. O professor de Música, dentro do semestre, faz todo o planejamento. Eles têm aquele treinamento durante o semestre inteiro. Uma semana antes de terminar as aulas, tem essa apresentação, o coral dos alunos do 2º ano, para todas as famílias. E, aí, tem os pais, os avós, amigos, primos, enfim, familiares. Esse é um momento dos mais emocionantes da Escola, mesmo para quem já viveu tantos anos, como eu, presente no dia a dia; sempre me emociono nesse dia porque eles apresentam umas músicas, e algumas pessoas até choram. Primeiro, porque eles estão se despedindo do Verão para irem para o Verão; e pelo que eles apresentam, músicas tão bem elaboradas, uma apresentação especial, e com a presença de seus familiares se torna muito mais emotivo aquele momento. É um momento muito especial para mim e, acredito, para todas as famílias. É muito empolgante, muito maravilhoso esse momento.

## Sair e dar lugar

Já comecei a pensar sobre sair do Vera Cruz, até porque, quando a gente se aposenta, tem que ceder o lugar para outro. Acho que para que um novo comece um trabalho é preciso que o velho saia. Acho que é preciso a gente ter esse entendimento. Fiquei tantos anos trabalhando, me aposentei. Então, eu vou ceder o meu espaço para outro que precisa. Além disso, tenho um trabalho braçal. Não é fácil você passar 35 anos trabalhando assim, é um pouco cansativo. Em algum momento, chego à noite em casa e estou com meus braços e perna supercansados, é natural; já não sou mais um garoto, tenho 60 anos.

Então, já estou pensando sobre isso, por esses dois motivos: primeiro, pela idade, já um pouco avançada; e, segundo, porque eu acho que tenho que dar oportunidade aos mais novos, uma vaga para uma pessoa mais jovem começar, ganhar seu dinheiro, oferecer alguma coisa para sua família. E até ter a oportunidade, se tiver filho, de colocá-lo na Escola, por que não? Se foi tão importante para mim e para meu filho, pode ser importante para os outros.

Já fui convidado por outras escolas para trabalhar, mas eu não sei se vou fazer isso, não pensei, em definitivo, o que eu vou

fazer depois que eu sair do Vera Cruz. A princípio, penso em ficar uns dois ou três meses sem fazer nada, replanejando alguma coisa. Depois, vou ver o que posso fazer. Eu não queria assumir um compromisso, mais um emprego com registro em carteira para estar lá presente todos os dias, de segunda a sexta-feira, ou de segunda a sábado, como estou até hoje. Já que me aposentei, pelo menos eu gostaria de ter um trabalho mais suave, uma coisa mais flexível. Mas não dá para ficar totalmente parado, principalmente com 60 anos, tem que fazer alguma coisa.

Gostaria de agradecer a meus colegas de trabalho, todos, do administrativo e do pedagógico. Agradecer à Escola por ter oferecido não só o trabalho a minha pessoa, mas a oportunidade a meu filho. Agradeço a Angela, que foi a primeira pessoa, que eu subi à sala dela para pedir esse apoio, essa bolsa. Enfim, é uma pessoa por quem tenho muita gratidão, em função disso. À Direção da Escola, a seu Heitor [Fecarotta, diretor geral], e, hoje, a Marcelo [Chulam, diretor de gestão], a Regina [Scarpa, diretora pedagógica], que não faziam parte antes. Agradeço a todos eles. Aos que já saíram, aos que já são memória, pessoas maravilhosas que faziam parte do dia a dia de nossas vidas — a gente sempre foi muito amigo. A um professor em especial, Roney [Luiz Rosa],

que já se aposentou há muito tempo e mora no interior de São Paulo. À minha primeira supervisora, a finada Yara [Miranda Collet e Silva], que era uma pessoa fantástica, muito bacana. E a todos, os pais, as crianças. É por elas que estou até hoje, procurando fazer o melhor possível por todos. Eles sempre acreditaram em mim, e isso é superimportante.

Desejo que o Vera Cruz, que está completando 60 anos este ano, se multiplique por muitos 60. Que tenha uma vida longa, oferecendo, cada vez mais, o melhor a essas famílias, a essas crianças e a todos que fazem parte dela.





44 29 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9

Uma tarde de...

Uma tarde!  
6ª feira - 19 de maio de 2019.  
 1- Leitura  
 2- Organização da sala para a semana  
 3- Assembleia  
 4- Lanche/brunch  
 5- Entrevista com o dia  
 6- Cas  
  
por não teres dezan  
Tudo mesmo  
uma menina  
Ego  
and e city

Fly Emirates



Uma realização da Escola Vera Cruz | 2023

